

FHC

11 SET 1996

# O presidente no comício

ESTADO DE SÃO PAULO

A presença do presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de reinício das obras do metrô em São Paulo marcou sua entrada na campanha para prefeito, em apoio ao ex-ministro e colega de partido José Serra. Numa democracia, não há nenhum impedimento ético para a participação de um membro do Poder Executivo em campanha eleitoral, desde que, evidentemente, a máquina administrativa não seja colocada a serviço do candidato apoiado. A questão que se coloca aqui é de outra natureza.

O gesto do presidente traduz um erro de cálculo político. Com sua presença — e seu discurso —, Fernando Henrique elevou a disputa pela Prefeitura de São Paulo à esfera de preocupações do governo federal. O presidente cristalizou seu engajamento com frases do tipo "(...) sem metrô, tudo o

mais é engano" ou "outros paralisaram e nós retomamos o metrô."

Com declarações nessa linha, Fernando Henrique se envolveu nos debates de campanha, já que se trata de referência implícita à proposta do veículo leve sobre pneus, núcleo da agenda do candidato Celso Pitta para os transportes. É também uma referência ao fato — lembrado, no mesmo comício, pelo governador Mário Covas — de que Maluf, em seu primeiro mandato de prefeito, "em vez de estender o metrô, preferiu construir o minhocão".

O engajamento do presidente Fernando Henrique traz-lhe várias desvantagens e riscos. Seu prestígio passou a estar ostensivamente atrelado ao desempenho do candidato José Serra, que no momento amarga um distante terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto. Além disso, o presidente oferece

um prato cheio para os adversários de seu candidato, que já vinham semeando suspeitas e denúncias do uso da máquina estadual e federal. Elas comprometem menos José Serra do que o governador e o presidente.

Não que a extensão do metrô e de resto o presidente não sejam bem-vindos a São Paulo. Mas a presença de um presidente da República num ato de "lançamento da pedra fundamental de uma obra", como observou o prefeito Paulo Maluf, pela relação desproporcional entre a importância do visitante e a do fato celebrado, chega a denotar um certo desespero político.

Para São Paulo e para o governo

federal, será mais produtivo restringir o debate da corrida municipal aos problemas da Cidade e às propostas dos candidatos. O sucesso ou defeitos do Plano Real — dependendo da óptica de quem queira incluí-lo na disputa — não são refe-

vantes na comparação entre as plataformas para a administração municipal.

O fato de um candidato ter sido até muito recentemente ministro do Planejamento já é um fator de atração do debate para aquela

direção pouco interessante para a Cidade. A presença do presidente e sua participação — ainda que indireta — no debate embarralham ainda mais essas esferas, com prejuízo para ele e para o nível do debate eleitoral.

## A presença do presidente na retomada de obras do metrô denota erro de cálculo político